

EDITORIAL

DEVE O CRISTIANISMO REVELAR A DEUS?

Dr. Rúben Santos Aguilar

Editor-associado da revista *Kerygma*

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP
ruben.aguilar@unasp.edu.br

Sentado na calçada, o infelizmente homem, portador de grave deficiência física, aguarda o favor pecuniário de outra pessoa. Ao se aproximar um transeunte, o mendigo estende a sua mão trêmula, e sente na sua palma o leve contato de uma moedinha. Então, ele retribui o favor recebido com palavras quase mecânicas: "Deus lhe pague este favor".

Essas palavras poderiam revelar o quanto esse homem conhece de Deus ou da sua natureza. Para ele, Deus é dadivoso e tem condições de manifestar essa virtude. Poderia se afirmar que os atributos de misericórdia e poder de Deus, fazem parte do seu conhecimento sobre a natureza divina. Em que medida? Como poderia conhecer mais acerca de Deus?

O Cristianismo, erguido sobre os alicerces do ministério de Cristo; teve como precípua função revelar a Deus. A própria vida de Jesus Cristo, Deus encarnado, teve a finalidade de mostrar Deus ao mundo; tarefa realizada por palavra e exemplo.

No decorrer dos séculos, a missão do cristianismo, sofreu alterações que anuviaram a original comissão. A Igreja não tornava Deus conhecido. Em muitos momentos, pelo desinteresse dos líderes da Igreja em cumprir com esse propósito; em outras circunstâncias, pela influência de atrativos terrenos que levou seus líderes a usar o cristianismo, para institucionalizar suas ambições.

Na atualidade, o mundo vê com olhos surpresos a proliferação de igrejas que ostentam na sua nomenclatura o adjetivo de cristã, pretendendo ao mesmo tempo, cumprir com a original missão. A religiosidade dos seus membros, no entanto, deixa transparecer o desconhecimento de Deus e seus atributos, orientados unicamente a uma atividade meramente social, antes do que religiosa. Nesse contexto, permanece clara a influência da especulação filosófica sobre a concepção religiosa.

Analisemos brevemente algumas tendências da prática religiosa das igrejas cristãs da atualidade. Algumas igrejas cristãs destacam na sua identidade, a escolha de um rito ou doutrina que lhes é favorável ao exercício da sua prática religiosa. Essa escolha não deixa de ser a aplicação racional de um elemento teológico que lhes causa impressão. Assim, se consideram espiritualmente plenos, obedecendo e seguindo normas e preceitos escolhidos. Essa tendência já foi enunciada pelo pensador Emmanuel Kant, ao propor que a razão é a criadora do pensamento próprio e das próprias diretivas morais. Kant reduziu a religião a simples prática de preceitos morais, desestimando a necessidade do conhecimento de Deus.

Outras igrejas cristãs, de cunho carismático, afetam seus membros no sentido de exprimir a religiosidade como uma experiência fisiológica da pessoa humana. A elevação do nível de espiritualidade está na manifestação das emoções da pessoa diante do Infinito. Essas emoções são variadas, desde o simples tremular de mãos, até o êxtase profundo e a propalação de línguas não inteligíveis. Filosoficamente, essa tendência encontra seu enunciado religioso numa das concepções do pensador alemão Ernest Schleiermacher, para quem a religião é o sentimento de dependência plena do Infinito, ou da Divindade. A religião é reduzida a um sentimento do ser. É simplesmente emoção.

Por outro lado, um grande número de igrejas cristãs é edificado sob a bandeira que propõe a solução dos problemas sociais da atualidade que afetam o indivíduo. Seus líderes evocam o conceito teológico da salvação terrena, mediante a eliminação da pobreza. Claramente e sem escrúpulos, prometem a solução dos problemas pessoais, como o



desemprego, a saúde, etc., sem condições ou requisitos a cumprir, a não ser a confiança depositada nessas promessas. A instrução ou o conhecimento sobre a natureza divina é mínimo, quase nulo.

Essa forma de Cristianismo, exposta dessa maneira, abandona o conhecimento de Deus e se assenta na área da utilidade prática, ou seja, a religião passa da procura da verdade à procura da utilidade. Não deve estranhar que esse pensamento é reflexo lúcido da tendência filosófica surgida no final do século XIX, conhecida com o nome de Pragmatismo. A idéia medular desse pensamento se sintetiza no conceito de que unicamente é verdade para o homem, aquilo que lhe é útil.

A divulgação das antigas idéias filosóficas e religiosas de procedência oriental, como o hinduísmo, bramianismo, budismo, etc., tem determinado uma poderosa influência no ocidente, principalmente no cristianismo, ao ponto de originar um sincretismo sem identidade específica, simplesmente denominado de "movimento" da Nova Era. O objetivo essencial dessas tendências é o encontro da divindade na própria pessoa. Como é um "movimento", não há restrições para seus simpatizantes; pelo contrário, membros das igrejas cristãs, chegam a aderir a suas práticas e premissas espirituais. O importante, para esses grupos, não é conhecer Deus, mas, saber que Deus está na própria pessoa; que o ser humano é deus.

Deve o Cristianismo revelar a Deus? É uma interrogante que encontra sua resposta imediata na asseveração que faz Jesus Cristo, sobre seu ministério: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17:3). Conhecer a Deus significa ter noção profunda sobre Sua natureza divina, sobre Seus atributos eternos. Conhecer a Deus significa saber dos Seus designios; estabelecidos e executados nos eventos da história humana. Significa conhecer Seu intento de salvação da raça humana e Sua promessa de restauração universal.

Não é exigido um conhecimento total e pleno; mas uma constante e perseverante disposição de saciar a sede de conhecimento. O cristianismo será mais genuíno quando o interesse dos seus líderes e membros for o conhecimento de Deus. O contrário será uma lamentável descrição da versão profética que enuncia destruição: "O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento..." (Os 4:6).